

A COMPETIÇÃO DE BASQUETE COMO MODELO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS

Bruno Duarte Tomazi

Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti



INTRODUÇÃO

O presente estudo trata das competições de basquete como modelo de formação e educação para crianças e jovens de 10 a 12 anos. Araújo (2008) relata que o mini basquete é um jogo coletivo para crianças e que deve corresponder às exigências do seu crescimento psicológico e fisiológico, respeitando e promovendo as suas necessidades de socialização. No atual modelo de competição de mini basquete, regulamentados pela FGB (Federação Gaúcha de Basquete) e CBB (Confederação Brasileira de Basketball), é utilizada uma bola menor e mais leve, altura da cesta reduzida e uma série de adaptações nas regras, se comparado às regras do basquete adulto. Porém, o modelo de competição e a forma de disputa são praticamente os mesmos. Com isso, acaba se suopervalorizando o resultado, o que não seria uma prioridade e uma necessidade das crianças (ARAÚJO, 2008). O estudo tem como base a Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), a qual questiona se: a) as competições estão adequadas às capacidades, necessidades e interesses das crianças; b) a competição é um elemento estruturante de toda a formação desportiva; c) o número e a frequência das participações competitivas estão adequadas para a sua formação.

OBJETIVO

O objetivo central do estudo é identificar e questionar os modelos atuais de competição de mini basquete para crianças e jovens entre 10 e 12 anos de idade.

MÉTODO

Além da consulta de regulamentos e regras das principais competições estaduais do basquete para crianças e jovens administradas pela FGB e CBB, foram feitas entrevistas semiestruturadas com quatro treinadores experientes que trabalham com o Mini Basquete. As questões que compuseram o roteiro de entrevistas tiveram como base a Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004).

RESULTADOS

Foi observado, de um modo geral, que a competição é defendida pelos treinadores, porém afirmam que ela deve ser muito bem trabalhada pelo professor/treinador. Os profissionais que atuam com criança adolescentes no treinamento necessitam ter boa formação pedagógica e também conhecimento profundo sobre as fases do desenvolvimento humano (PAES e OLIVEIRA, 2003). Embora se tenha uma formação esportiva através da competição, as principais competições não estão adequadas às capacidades, necessidades e interesses das crianças. O número de participações competitivas está bom, podendo ocorrer maiores encontros.

As competições não estão de acordo com as capacidades, necessidades e interesses das crianças: existem alguns questionamentos em relação ao tempo de partida e participação de cada jogador; à altura da cesta; à regra de marcação; e a contagem de pontos. O tempo de 10 minutos por quarto de jogo, como em alguns campeonatos, acaba se tornando desgastante para uma criança. Somado ao fato de que a criança pode jogar apenas dois quartos por jogo. Assim, em uma equipe com 10 jogadores, pode acontecer de o time jogar por um quarto com um atleta a menos, caso aconteça algo com uma das crianças.

“O tempo de jogo é muito longo, tu não podendo quarterear as crianças, não podendo partilhar né, [...], o guri realmente tomou uma pancada e começou a chorar [...] E eu não teria mais como trocar ninguém, eu tinha 11 no jogo e ninguém para quarterear, então tive que seguir o jogo com um a menos, então foi muito ruim.” (ENTREVISTADO 3)

De acordo com o regulamento, o aro pode estar a 2m65cm até 2m85cm de altura – fato que pode prejudicar as crianças que treinam regularmente em um determinado tamanho de cesta. Também foi sugerido altura de cesta normal para 12 anos. Por fim, a regra sobre marcação, indica que não se pode roubar a bola na meia quadra do setor ofensivo, não podendo marcar a quadra toda. Enquanto alguns treinadores defendem a regra, pelo fato de que a criança consiga carregar a bola até o meio da quadra sem ser prejudicada, outros criticam, sustentando seus argumentos pelo fato de que impede a ação natural das mesmas de querer marcar.

“a tabela pequena está arcaica no sentido de crianças de 11, 12 anos, [...] está limitando a técnica” (ENTREVISTADO 4)

Formação esportiva através da competição: todos os treinadores percebem uma formação esportiva através da competição, porém o atual modelo de competição utilizado pela federação suopervaloriza os resultados, conforme o modelo adulto, o que nem sempre deixa coerente a proposta de treino com a proposta da competição. Desse modo a competição deve ser muito bem trabalhada pelo professor/treinador, para que haja potencialidades educativas nas vitórias e nas derrotas. Segundo Oliveira (2002) a carência do planejamento na iniciação, provoca uma série de problemas, como a especialização desportiva precoce. As competições baseadas no modelo adulto, geralmente, valorizam os mais talentosos. Conforme Vieira (1999) citado por Oliveira (2002), essa valorização dos mais habilidosos acarreta em um abandono dos menos habilidosos. A possibilidade de uma nova contagem de pontos, baseada na vitória do quarto e não no número total de pontos, foi de agrado de todos os treinadores

“é um modelo adulto, é igual, uma cópia, xerox” (ENTREVISTADO 4)

“às vezes a gente aprende mais na derrota do que na vitória” (ENTREVISTADO 1)

Número de participações competitivas: O número de participações competitivas está adequado, tendo em vista que os treinadores acham que devem ser trabalhadas todas as competições, tanto as federadas quanto as menos estruturadas. Foi visto que poderiam ocorrer maiores encontros com regras adaptadas, para que mais times possam participar.

“Eu acho que nunca é demais jogar, [...], quanto mais eles jogarem melhor” (ENTREVISTADO 1)

CONCLUSÕES

Apesar de terem sido estruturadas tendo a criança como sujeito, as competições de mini basquete ainda precisam de algumas adaptações como:

- (1) A redução do tempo de jogo para crianças dessa idade, além de uma possível alteração na regra sobre a participação de cada criança no jogo;
- (2) A altura da cesta para crianças de 12 anos já poderia ser de 3m05cm – mesma utilizada no adulto;
- (3) A contagem de pontos poderia ser baseada na vitória no quarto, e não no número total de cestas.

Além disso, o número de participações competitivas parece adequado, de acordo com os treinadores entrevistados.

Espera-se que esse estudo represente um primeiro passo para uma reestruturação do atual cenário da iniciação ao basquete e, a partir do desenvolvimento de melhores competições, que um número maior de crianças participe deste tipo de evento e usufrua das potencialidades educativas deste esporte.

REFERÊNCIAS

- MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) Desporto para Crianças e Jovens. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p. 75-96.
- FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASQUETE, disponível em www.basquetegaucho.com.br
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, Arbitragem, Mini Basquete. Disponível em www.cbb.com.br
- ARAÚJO, A. S. P. (2008). Manual de Treinadores de Minibásquete. In N. Branco, Compilação de documentos produzidos por FPB, ENB e CNMB para aplicação nos escalões de Minibásquete. Lisboa: CMB ABSM.
- OLIVEIRA, V.; O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol. Campinas, SP. UNICAMP, 2002.
- OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. O processo de desenvolvimento do talento: um estudo no basquetebol. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 7(1): 63-67, 2003.